

# Oliveira Martins (\*)

## O Homem

Se há escritor português intimamente ligado à sua obra, esse é Oliveira Martins. De facto, se não podemos afirmar que, como com outros aconteceu, ele é um produto dessa obra (por exemplo Ramalho Ortigão), podemos, todavia, dizer que foi a obra de Oliveira Martins quase por completo realizada, só a morte o impedindo de completá-la. Raras vezes nos é dado verificar este facto: um homem que, em verdes anos, traça um programa, e depois pela vida fora o cumpre fielmente. Isso se deu com Oliveira Martins, porque, como já um dia salientou o Prof. Fidelino de Figueiredo, ele foi «um homem que quis» (1) porque a *VONTADE* é a qualidade que mais sobreleva no seu carácter.

Na realidade, sem essa férrea vontade, aliada à sua formidável capacidade de trabalho, jamais Oliveira Martins teria deixado obra de âmbito tão vasto e de tão grande projecção.

Quase nada sabemos da sua infância; como a de todas as crianças da pequena burguezia, deveria ter docorrido descuidadamente. Nunca Oliveira Martins a essa época se referiu na correspondência que conhecemos, até que aos 15 anos teve bruscamente de enfrentar a vida. Algures, no *Portugal contemporâneo*, fala ele «das privações cruéis da infância que umas vezes formam os homens, mas muitas mais os estragam» (2). Nada sabendo, como dissemos, acerca da sua infância, ignoramos o que possa haver de pessoal na frase transcrita, apesar de nela se pressentir um vago toque a denotar uma experiência vivida.

Dotado de compleição débil, naquela idade teve de pôr de parte os estudos que seguia, porque à morte do pai, sem a família ter outros recursos senão o vencimento do seu chefe, viu-se obrigado, na quali-

---

(\*) Cap. I do vol. II da obra inédita *Oliveira Martins e o século XIX*.

(1) *História de um Vencido da Vida*. Lisboa, 1930. Pág. 57.

(2) Vol. I. 6.ª ed. Lisboa, 1926. Pág. 60.

dade de irmão mais velho, a lançar-se na luta pela vida e esta, como escreveu a Jaime de Magalhães Lima, não lhe fora «coisa fácil nem alegre» (2<sup>a</sup>). Na idade em que tantos rapazes vivem despreocupadamente, sem outros anseios além dos criados pela sua mente infantil, nem tão-pouco sentem dúvidas ou angústias quanto ao futuro, Oliveira Martins teve por força de desistir dos estudos escolares para fazer frente ao grande problema de repente aberto perante ele pela morte do pai: tinha de passar a sustentar uma família composta de um irmão e algumas irmãs, além da mãe. E sobre os ombros, aparentemente frágeis, desse moço a entrar na adolescência, caiu desde então todo um peso que teria talvez apavorado qualquer outro adulto menos resoluto.

O moço, porém, apesar de nutrir como todo o jovem altas aspirações e alimentar vastos ideais, a despeito de ver-se compelido a desistir de uma carreira, possivelmente o pendor natural do seu espírito, para se lançar forçado no torvelinho da luta pela sobrevivência, o moço, dizíamos, encara a vida de frente com resolução e caminha decidido e consciente do seu papel, tendo primeiro traçado o seu programa, empregando-se na casa Ellicott, Abreu & C.<sup>a</sup>. E enquanto durante o dia se ocupava nas suas funções de empregado comercial sem horário de trabalho, nessa época consideradas muito modestas, desforra-se de noite estudando. É certo que nesses tempos não havia a plétora de distrações dos nossos dias, sendo mais acessível à magra bolsa dos empregados o café com o bilhar, o gamão ou as damas, e de longe em longe, como principesco extraordinário, um bilhete para o teatro... na galeria, o «galinheiro» como lhe chamavam entre o vulgo. As solicitações eram poucas, como se sabe, mas havia ainda outras de mais «alto» nível com as quais muitas vezes se desgraçavam os moços, uma delas o jogo de azar, fonte inexaurível de dramas e mortes.

Oliveira Martins, pelo seu temperamento, reservado, cremos que já de si natural, mas o trabalho fizera refinar, não era dado a tais divertimentos parecendo até ter nutrido profundo nojo pelas chamadas «rapaziadas», de que tantos se jactavam e certos pais consentiam talvez por descargo de consciência pelos seus desregramentos pessoais na mocidade.

Uma diversão que o entusiasmava mais em criança eram as toureadas, tendo frequentado «corridas de touros em Lisboa e sempre con-

---

(2<sup>a</sup>) *Correspondência*. 1926. Lisboa. Pág. 237.

servou grande predilecção por esse passatempo», no depoimento da que veio a ser a sua viúva <sup>(3)</sup>.

Se não seguiu estudos sob a orientação de um mestre, seguiu-os contudo sob a direcção desses outros mestres que não é dado a todos possuir: a sua vontade de ferro e a sua inteligência lúcida e clarividente. No nosso acanhado meio onde superabundam ainda hoje os diplomados e os fátuos e escasseiam as vontades conscientes, fortes e dominadoras, ficou Oliveira Martins, como homem que se fez por si próprio, protótipo do *self made man* tão admirado pelos angio-saxões.

Dessa fase da sua vida hauriu ele fartos ensinamentos que, de outro modo, possivelmente jamais viria a adquirir. E os anos de luta pela conquista do pão e do dos seus, não foram desaproveitados: primeiro, viu-se já, porque muito estudou durante as horas vagas que, em época que desconhecia a regulamentação do trabalho, bastante escassas deviam ter sido; depois, porque sofreu um influxo de tal modo profundo, uma disciplina de tal maneira severa, que mais tarde muito lhe haviam de servir na elaboração da sua obra <sup>(3 a)</sup>. O convívio com o sócio inglês da casa, Henry Ellicott, que se tomou de amizade por aquele rapazinho tão sisudo e tão trabalhador, deve ter contribuído para lhe reforçar a tendência natural para o método e a ordem nos seus trabalhos. No já citado depoimento da sua viúva, nos anos de adulto e já casado, «o escritório era um modelo de boa ordem» <sup>(4)</sup>.

É de crer ter sido durante a crise consecutiva à morte do pai que tal traumatismo lhe insuflou no espírito o pessimismo que o caracterizaria como homem e como escritor, parecendo isto confirmar a frase que muitos anos depois escreveu em carta a Ramalho Ortigão: «V. sabe como eu sou pessimista, mas felizmente sou-o por observação e doutrina e não por temperamento» <sup>(5)</sup>, acreditando ser «o pessimismo pra-

---

<sup>(3)</sup> *In-Os Ideaes de Oliveira Martins*, por Frederico Diniz d'Ayalla. Lisboa, 1897. Pág. 23. Conservou sempre «horror à impiedade e aos vícios da carne» pelo que «evitava a leitura de livros licenciosos» como escreveu o autor da obra, Pág. 75.

<sup>(3 a)</sup> A escritora inglesa Miss K. Crowcroft salientou naturalmente esta faceta do carácter de Oliveira Martins ao escrever: «*Many people have had and unfortunately still have to fight for their daily bread, but there are not so many of them who have been as faithful and untiring in their pursuit of knowledge as Oliveira Martins showed himself in those difficult early years*» (Conferência realizada no Instituto Britânico de Lisboa. «Ocidente». Vol. XXV. 1945. Pág. 268.

<sup>(4)</sup> In-Ayalla, *ob. cit.* Pág. cit.

<sup>(5)</sup> *Correspondência cit.* Pág. 33.

ticamente mais útil do que a prazenteira satisfação dos que se crêem no melhor dos mundos possíveis» (6).

Os homens, porém, amigos ou inimigos, sempre se mostraram apostados em exacerbar e não atenuar esse pessimismo, que transparece em todas as suas obras.

Foi com a bagagem da experiência comercial, adquirida nos escritórios onde trabalhou até 1870 e também com os obtidos nas suas numerosas leituras, que, já casado, seguiu para Espanha na companhia do seu antigo chefe Henry Ellicott, a quem o ligaram profundos laços de estima. Como empregado da firma Ellicott, Abreu & C.<sup>a</sup> o jovem Oliveira Martins impôs-se a pouco e pouco à consideração dos sócios da casa, tendo estes ocasião de apreciar as suas extraordinárias capacidades de trabalho e ainda a sua honestidade exemplar, qualidades que, sobretudo o inglês, devem ter apreciado profundamente.

Com 25 anos de idade, aquele mancebo aventurou-se a um meio desconhecido, para mais fora do país, para onde ia exercer funções que poderia supor-se seriam superiores às suas forças. Efectivamente, uma coisa havia sido até então a vida monótona num escritório, e outra muito diferente iria ser a direcção administrativa duma empresa mineira, perdida nas faldas da serra Morena, na província de Córdova.

Mas o heróico moço não hesitou, devendo por certo ter previamente pesado as vantagens e inconvenientes em deixar a pátria, trocada por um país tradicionalmente hostil ao nosso e pelo qual nutrimos fortes preconceitos nunca ocultados, mas desde aí o escritor passou a nutrir admiração sempre confessada. De facto, conhecendo-se o temperamento decidido de Oliveira Martins, e também o método que constantemente imprimiu não só aos seus trabalhos como também aos seus actos, não teria sido de ânimo leve que se resolveria a emigrar e não para *mirar algo de nuevo*. De resto, Henry Ellicott não o teria convidado se lhe não reconhecesse as qualidades e as capacidades, não aceitando como bom inglês a improvisação tão cara aos Portugueses.

Não era exígua a bagagem que ele levou para Espanha, como vieram a demonstrá-lo as obras publicadas dois anos depois sobre o Socialismo, tendo-o já comprovado antes com o estudo crítico acerca do *Cancioneiro popular português* de Teófilo Braga. Descontado o que de juvenil possa haver ainda nestes três trabalhos, muito há já neles digno de admirar, devidos à pena de um moço com menos de 30 anos de idade, sem formação universitária. Esses volumes constituem uma espécie de prólogo da messe farta de trabalhos, de extensão desigual mas altamente valiosos e constituem a obra de Oliveira Martins.

(6) *Elementos de Anthropologia*. 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1909. Pág. 224.

Incansável, em Espanha, apesar de disfrutar de uma posição cujos proventos lhe davam certo desafogo (em 1893, em carta para Jaime de Magalhães Lima, e referindo-se à primeira fase da sua vida, dizia que então ainda não era casado e só o foi «depois quando já [se] via relativamente desafogado»<sup>(7)</sup>), Oliveira Martins não se lança nos ócios fáceis dos epicuristas, dos hedonistas ou dos inúteis, que entendem ser o melhor da vida gozá-la. E se, por um lado, continua as suas leituras e a adquirir aquela cultura que serviria de alicerce sobre que, daí a pouco, levantaria a sua obra, por outro lado não desdenha de dedicar-se a outros estudos diametralmente opostos aos que eram tão caros ao seu espírito.

Funcionário de uma empresa mineira, entendeu do seu dever estudar a engenharia, porque além da vontade, possuía «também um espírito ansioso de acção útil»<sup>(7<sup>a</sup>)</sup>... E por tal forma se deu a esse estudo que os seus conhecimentos técnicos o levaram a desempenhar as funções de engenheiro. Homem prático, não limitava a sua curiosidade espiritual à cultura pura, ao desejo de apenas entesourar conhecimentos para os exibir em público, convencido de ser necessário tirar partido de todas as ciências humanas.

Não ficaram, porém, por aí as suas actividades. Todo o dia ocupado com os trabalhos burocráticos ou técnicos da mina, as noites dava-as à leitura, ao estudo e à reflexão. Apesar disso encontrou ainda tempo para, conjuntamente com sua mulher, dedicar-se à missão altruísta de ensinar a ler os filhos dos mineiros e até os próprios mineiros analfabetos.

Educado na dura escola da vida, através duma aprendizagem que talvez chegasse a ser dolorosa, Oliveira Martins não esquece a lição aprendida, e isto levou-o à compreensão humana da vida do operário, quando as reivindicações dos trabalhadores não passavam de utopias, embora defendidas por vezes com as armas na mão.

De exterior que parece não ter sido de irradiante simpatia<sup>(8)</sup>,

---

(7) *Correspondência* cit. Pág. 236.

(7<sup>a</sup>) Fidelino de Figueiredo, *loc. cit.*

(8) F. Diniz d'Ayalla fala do seu «primitivo ar brusco, sorumbático, desconfiado», das «linhas bruscas e impetuosas do seu semblante e o olhar algum tanto desvairado, a boca áspera e imperiosa». *Ob. cit.* Pág. 44. Noutro passo escreveu o mesmo autor: «Como era extremamente reservado raras vezes expansivo, tomando tudo a sério (...) os homens bons, mas medíocres, instintivamente não lhe votavam simpatia». Pág. 29. Nos retratos conhecidos, nenhum revela, de facto, simpatia irradiante, apenas em dois transparecendo um leve esboço de sorriso. A barba que usava toda, embora cortada em bico, não contribuía para lhe adoçar a fisionomia.

talvez um pouco acanhado na aparência, com certa dureza no olhar, que transparece em quase todos os retratos conhecidos, mas que, passado o primeiro instante, deveria desaparecer para dar lugar a expressão mais humana, fugindo do convívio com todas as mundanidades, Oliveira Martins sentia contudo uma grande ternura por todos os humildes, sobretudo aqueles que levavam vida de trabalho e junto dos quais se encontrava melhor do que entre os grandes do mundo.

Escrevendo anos após a morte do marido, a viúva referiu-se a essa ternura que «era muito grande» e se estendia «a todos os que lhe pediam» a começar pelos parentes pobres. «Dava, dava muito. Juntava a uma generosidade pouco vulgar uma economia muito grande, porque consigo mesmo escrupulizava gastar demasiado» (9).

E foi esse calor humano de Oliveira Martins com os humildes que lhe grangeou a amizade profunda dos mineiros de Santa Eufémia, como mais tarde lhe grangeará a dos ferroviários da linha da Póvoa. Por aí foi ele levado ao Socialismo, um Socialismo afim do do seu grande amigo Antero de Quental, humano, nada político, negação absoluta da demagogia, todo imbuído desse romântico amor pelos humildes, que também Eça de Queirós, com quem depois acamaradou e do qual se tornaria amigo, havia de partilhar. O seu Socialismo, porém, era um Socialismo activo e visava imediatamente a uma profunda reforma social com o objectivo de elevar o nível da vida dos trabalhadores, permitindo-lhes a ascensão na escala social. Jamais, pela vida fora, deixará ele de ser o defensor estrénuo das gentes de trabalho, sem por isso defender ou advogar os actos de violência vistos já no seu tempo e o nosso século tem testemunhado. Homem de rigoroso método, repugnavam-lhe todos os excessos, sempre por ele verberados. Escreveria depois na *História da civilização ibérica*:

«Nunca se creia em quem arremete com fúria: nesse acto está sempre uma prova da pequena confiança na própria valentia» (10).

E se n'As *Raças humanas* disse poder chegar a adorar a violência, logo se corrige dizendo que só a poderia aceitar

«quando se tratam questões práticas, em que os interesses, os caprichos e as paixões dos homens, entram em jogo; mas nas questões do pensamento e do saber, esfera superior e pura, não percebo a intervenção dos sentimentos que não sejam a candidez e até a caridade» (11).

(9) Ayalla, *ob. cit.* Pág. 33.

(10) 6.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1918. Pág. 332.

(11) 4.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1921. Vol. II. Pág. 279.



Oliveira Martins

(por António Carneiro)

Se a sua breve passagem pela política totalmente o desiludiu quanto à possibilidade de pôr em prática as suas generosas ideias realizando obra construtiva dentro do nosso dessorado constitucionalismo, tal desilusão não se tornou extensiva ao seu ideal generoso de regeneração dos trabalhadores, como pode verificar-se em numerosas passagens de *A Inglaterra de hoje*, particularmente nos capítulos em que historia rapidamente as greves no século XIX e a evolução do Socialismo moderno.

Esse amor pelos humildes e pelos desprotegidos, a denotar um desejo insofrido de dar a outros a ternura que sentia no coração<sup>(12)</sup>, talvez em grande parte o motivasse a ausência de filhos no seu lar, ao que dolorosamente alude em muitas cartas para os amigos. No último ano da vida, olhando com melancolia o passado e sentindo em volta de si o vácuo, que sua dedicada mulher e os amigos dilectos não bastavam para preencher, escrevia ao amigo Eça de Queirós:

«Cada vez, meu querido José Maria, eu que não tenho filhos. me encontro mais só no mundo. Invejo-vos a todos os que tendes filhos. São a continuação de nós mesmos e quem os não tem, vê diante de si o aniquilamento à medida que se avizinha a morte».

E, num desabafo, conclui: «Felizes os que têm filhos! Agradece a tua mulher que tos deu»<sup>(13)</sup>.

Em carta ainda desse ano para o mesmo Eça de Queirós, voltou a ferir a mesma nota de resignada melancolia:

«Pessoalmente, meu querido José Maria, o filósofo<sup>(14)</sup> vai arrastando melancolicamente a vida de um homem que não tem filhos. Nem tu sabes que és pai de um rancho de pequenos encantadores, quantas graças deves à sorte.

«É a única coisa pela qual vale a pena viver, porque é a única que imprime à vida o selo completo do dever. Os filhos são nós mesmos redivivos»<sup>(15)</sup>.

---

(12) A Jame de Magalhes Lima disse um dia por carta: «Nós não podemos alterar a fatalidade das coisas, mas podemos e devemos, obscuramente, humildemente, procurar ser tão úteis quanto possível. Ser útil é ser bondoso! Minorar os sofrimentos do próximo, eis aí o programa que serve a todos em todas as condições» (*Correspondência cit.* Pág. 121).

(13) *Ob. cit.* Págs. 206, 207.

(14) Os filhos de Eça de Queirós chamavam a Oliveira Martins *Poncle philosophe*.

(15) *Ob. cit.* Pág. 243.

Esta insistência chega a ser obsessão. Oliveira Martins é o incompreendido, o isolado, tão isolado que nem sente o calor da amizade filial a tornar-lhe menos dura a existência. Porque, por paradoxal que pareça, este homem, nascido para intensa vida de relação, adorava o isolamento, «a condição primária da liberdade» (16) como escreveu a António Cândido, o antigo «São Paulo» da *Vida Nova*, que lhe dedicou grande amizade, e lhe escrevera de Amarante a queixar-se da solidão aldeã, que o estiolava e deprimia. Em resposta escreveu-lhe Oliveira Martins:

«Não te queixes da solidão, amigo, queixa-te da vida, que é um paradoxo. Viver é esquecer. Esquece, e viverás bem. Não acuses a solidão, que não há maior isolamento do que este que a gente sente no meio do seu semelhante. Dou-te a minha palavra de honra, que eu vivo muito mais com os mortos e com os inanimados do que com a gente viva, ainda quando lhe falo e trato. Todos temos em nós duas pessoas: uma o manequim que se agita à mercê dos impulsos externos e das relações ambientes, que vive de si para si e por si própria. É aqui que a gente se sente rei» (17).

Tinha muito de introvertido o temperamento deste homem, mas, apesar de tudo, cultivava a frágil flor da amizade que, por vezes, dedicava a quem não era digno dela. Da amizade profunda que votou a tantos homens ilustres do seu tempo — em particular a Antero de Quental, Eça de Queirós, Henrique de Barros Gomes, Ramalho Ortigão, Alberto Sampaio, Fernandes Costa, Jaime de Magalhães Lima, Conde de Sabugosa, Luís de Magalhães e alguns mais — é prova o precioso volume de correspondência publicado por seu sobrinho e de que temos transcrito as passagens acima citadas.

Dotado de uma ternura quase feminina, que o seu semblante extremamente carregado não deixa adivinhar, mas deveria talvez atenuar-se na intimidade, era, quando comunicava com os amigos por carta, que ele punha a alma a nu. A morte inesperada de Antero de Quental, velho e dedicado amigo desde os tempos juvenis e sobre o qual exerceu profunda influência, causou-lhe uma impressão quase só comparável à que anos antes lhe provocara a de Herculano. «Estou como um pássaro caído com uma chumbada na asa», escrevia ele a Luís de Magalhães (18). A Eça de Queirós dizia, noutra carta, não

(16) *As Raças humanas*. Vol. cit. Pág. 296.

(17) *Correspondência* cit. Pág. 251.

(18) *Ob. cit.* Pág. 131.

encontrar «encanto senão na amizade» (19). E a Alberto Sampaio, outro amigo por quem nutria a maior admiração, escrevia:

«Também lhe não posso escrever uma longa carta porque o fim do nosso Antero pôs-me num tal estado de desassossego, que me embrutece» (19<sup>a</sup>).

Quando, no regresso da viagem a Inglaterra, passou por Paris e descansou alguns dias na casa de Neuilly, onde vivia Eça de Queirós, ao despedir-se, escreveria depois ao amigo, disse não ter podido evitar «aquelas cócegas que nos trazem a água às pálpebras e conturbam a visão» (19<sup>b</sup>).

Foi amigo leal, alma aberta aos deveres que a amizade impõe, cultor desvelado dessa rara flor, tão rara no nosso tempo e nos leva a descrever dos destinos das pátrias e até dos da própria humanidade. Aos homens de hoje, melhor diríamos aos jovens de hoje poderemos apresentar como paradigma da amizade leal, sincera e cheia de simplicidade esse «grupo jantante» que o pessimismo de Oliveira Martins denominou de *Vencidos da Vida*, ao qual pertenceu, de quem foi inegavelmente o mentor espiritual.

A Herculano dedicou ele grande admiração e nela se comprazia o seu coração então juvenil. A Bulhão Pato, que assistira à morte do historiador, respondia Oliveira Martins um ano após o acontecimento, a rememorar o morto ilustre:

«Herculano era um homem que aquecia o coração e a inteligência. Os fracos e pequenos de espírito, como nós, necessitam de alguém que lhe sirva de amparo e exemplo. Sê-lo aos pequenos é a missão dos grandes homens. Foram de junto de nós todos e vivemos no meio de uma mediocridade tão insonsa, tão banal, tão ignorante e tão mesquinha... que decerto o melhor é ainda viver longe de tudo e de todos» (20).

Tal como Herculano, com quem teve tantas afinidades morais e até intelectuais, foi Oliveira Martins homem de severa linha de conduta (21), escravo do dever que sempre cumpriu, ainda quando por

---

(19) *Ob. cit.* Pág. 146.

(19<sup>a</sup>) Carta sem data. Fotocópia em nosso poder.

(19<sup>b</sup>) *Correspondência cit.* Pág. 242.

(20) *Ob. cit.* Pág. 22.

(21) Carecem de qualquer fundamento, as acusações do jornalista C. F., que chamou a Oliveira Martins «político corrupto». O que se entende

vezes a reputação lhe fosse por isso abocanhada pelos ignorantes, pelos aventureiros da política e pelos despeitados. E só raros, talvez, poderão avaliar bem quanto lhe teria custado, para realizar o vasto programa por si criado, descer da teoria, onde devera ter-se sempre conservado, das alturas quase inacessíveis do seu pensamento, à prática, às podridões políticas do tempo.

No cap. IV deste nosso trabalho referir-nos-emos mais demoradamente ao facto, já entretanto tratado em extensão nos últimos capítulos do vol. I.

Empolgado já pelo movimento da *Vida Nova*, escrevia ao amigo Barros Gomes:

«...o meu medo é que eu não possua a força bastante para conservar a inteireza do meu carácter e da minha inteligência nesse meio confuso e embrutecedor da política» (22).

Era um desiludido ainda antes de ter enveredado pela senda tortuosa da Política. E ainda antes de ter entrado para o malfadado vespeiro ministerial, já entendia ter feito «o que tinha a fazer cá por baixo e por isso, sem ambições nem esperança» considerava-se «a marcar passo para o outro mundo» (23).

Incompatibilizado com o «meio embrutecedor da política», atacado por uns, incompreendido por outros, homem de carácter no meio de uma sociedade em desagregação, cujos vícios profligava com veemência, chegou um dia a pensar na expatriação, processo a que, em geral, recorrem os que no seu meio não encontram ambiente propício e não sentem força para enfrentar a adversidade e a oposição. Em carta de 1892 para Jaime de Magalhães Lima, escreveu:

geralmente por «político corrupto» é aquele que visa ao enriquecimento deixando-se para isso corromper pela venalidade ou o suborno, ou quem, para se manter no Poder ou em posições a ele conducentes, procura afastar todos os possíveis competidores que se lhe atravessarem no caminho, quer forçando-os ao ostracismo usando da calúnia, ou corrompendo-os por sua vez. Na base destas atitudes, tão vulgares no passado, tão vulgares ainda hoje, está a vaidade do mando ou a simples ambição, quando não as duas conjugadas.

Em toda a sua vida foi Oliveira Martins homem de modesto viver, paradigma de trabalhador honesto que tudo quanto recebeu como proventos foram as retribuições devidas ao seu labor. E a única fortuna deixada por sua morte à viúva foi o seu nome ilustre e a sua obra que honra as Letras e a Cultura portuguesas, honrando ainda o século em que viveu.

(22) *Ob. cit.* Pág. 96.

(23) Carta de 1889 para Luís de Magalhães. *Ob. cit.* Pág. 120.

«A minha linha de conduta está traçada. Mais de uma vez me tem passado pela cabeça emigrar porque a filosofia é excelente, mas antes disso é mister viver. E viver para mim que não tenho riqueza nem ofício ou profissão definida, é um problema, querendo como quero conservar-me limpo».

E explicava:

«Não é catonismo: é simplesmente asseio ou estética. Mas também me repugna ao sentimento do dever, o emigrar. Viver também é tão pouco!» (24).

Porque a vida foi problema sempre preocupante para este homem que dispunha de tantos recursos para triunfar, triunfos de que não pôde ou não quis servir-se e lhe assegurariam a vitória, mesmo se considerarmos que nesse tempo a intriga e a baixa actuação eram os meios utilizados por tantos dos que se imiscuiam na vida política considerada a única via capaz de conduzir ao triunfo, como quem diz à possibilidade de auferir fartos proventos com o mínimo de esforço.

«Infeliz de quem não viveu — escreveu um dia —; e viver para os homens e para as nações, difere de absorver, digerir e segregar, porque é mais do que satisfazer as necessidades orgânicas» (25).

A Eça de Queirós, um dos seus grandes confidentes, escrevia por ocasião do *ultimatum*.

«A vida é o que é, uma considerável maçada. Não a tomemos a sério, nem a ela própria: não vale a pena. Não é desgraça, não é angústia: é maçada Maçada e sensaboria; por isso principalmente (...) eu que não encontro encanto senão na amizade, abro a boca de tédio perante a ideia de ir a Paris ver a apoteose da banalidade» (26).

A propósito de Camilo Castelo Branco, que se suicidara nesse ano fatídico de 1890, e em resposta a um convite da redacção da «Nova Alvorada» para colaborar no número dedicado à memória do escritor, escreveu:

---

(24) *Ob. cit.* Pág. 184.

(25) *História de Portugal*. 10.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1920. Vol. I. Pág. 177.

(26) Oliveira Martins referia-se à grande Exposição universal inaugurada em 1889 para comemorar o 1.<sup>o</sup> centenário da Revolução Francesa. *Correspondência cit.* Pág. 146.

«A vida é como os cavalos fogosos: não obedece quando não sente a mão de rédea do ginete e o acicate ferrado no lombo. Aquele que se lhe abandona aos saltos está perdido» (27).

Chegara a uma fase da vida em que, batido de todos os lados, tratado com acrimónia, atacado, insultado, enxovalhado, Oliveira Martins assemelhar-se-ia a um batel abandonado às ondas revoltas, se a sua força de ânimo não o impelisse para diante. Errara, estava certo disso, e errara mais por confiar demasiado nos homens do que por convencimento de ter seguido caminhos errados. Em certo passo de *Portugal contemporâneo*, escreveu:

«É muito doloroso e difícil de confessar que a nossa opinião foi um sonho, uma quimera, ou um erro; mas quando se tem a sinceridade própria das grandes almas, essa confissão vem do pensamento aos lábios e faz-se» (28).

Isolou-se ainda mais, enfronhando-se no estudo de outras eras e convivendo com mortos de quem não poderia receber insultos nem doestos.

«Os mortos e os livros que são o sepulcro onde vivem — escreveu a Eça de Queirós, já depois de saído do Governo — constituem, salvas excepções únicas, a melhor sociedade para a gente» (29).

A Alberto Sampaio dizia estar a refundir *Os filhos de D. João I* e pensava completá-lo com a vida do Condestável, acrescentando: «Já que o Portugal de hoje é inabitável e que não sou rico para poder emigrar, vou vivendo nesse Portugal antigo, digno de amor e respeito» (29<sup>a</sup>).

E dedicou-se, cada vez com maior entusiasmo, à reconstituição de figuras do passado, que, por força da sua intuição psicológica, ergueu vivas. Verdadeiras? Verosímeis, porque este homem, que foi também um visualista, possuía o condão, que tem faltado a tantos romancistas, de *ver* as suas personagens exterior e interiormente, por força de um talento que tinha como motor a experiência — dolorosa experiência — do trato com os seus contemporâneos.

---

(27) *Ob. cit.* Pág. 155.

(28) Vol. II. 6.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1925. Pág. 113.

(29) *Correspondência* cit. Pág. 205.

(29<sup>a</sup>) Carta sem data. Fotocópia em nosso poder.

Quando a cabala, urdida contra ele pelo próprio Dias Ferreira (que fora elevado a Presidente do Conselho por imposição de Oliveira Martins!) para o forçar a demitir-se e a sair corrido do Ministério e a deixar o país por uns meses, escreveu ao seu amigo Azevedo Maia:

«Tenho a consciência de ter cumprido o meu dever; tenho a consciência de não ter provocado conflitos para egoistamente me safar. Cumpri o meu dever; o resto não é comigo» (30).

E esse dever cumprido dava-lhe a satisfação de não ter sido inútil a sua passagem pela Terra: se não ficavam a continuá-lo esses filhos por quem sempre suspirou, o programa traçado na juventude estava quase integralmente realizado, apenas a morte o impedindo de completar. Deixava uma obra histórica, cujo valor chamou sobre ele as atenções de muitos homens ilustres de além fronteiras, como Menéndez y Pelayo, e uma obra económica, que mereceu os elogios de Emílio de Laveye e pela sua brevidade não chegou a dar os frutos que dela seriam de esperar, mas cujo alcance é fácil de prever qual teria sido a terem-lhe permitido levá-la a termo, e da qual outros, até adversários, vieram a aproveitar-se dando-se ares de inovadores.

Nos últimos dias de vida, também teve a rodeá-lo o carinho fraternal de amigos, Barros Gomes e Carlos Valbom entre outros, e do irmão médico, que educara e tinha por ele devoção filial, facto que, cremo-lo bem, teria sido profundamente grato ao seu coração, tão sensível à amizade, tão desejoso do calor desta, assim tendo levado do mundo a certeza de que se outros o tinham crivado de ironias e de injúrias, ou o haviam traído, no coração dos que amara se mantinha inalterável a velha afeição que lhe serviu de lenitivo nos últimos momentos do transe final.



Dissemos já que ao sair para Espanha era débil de saúde. Mas uma vez em contacto com o «ar livre das montanhas e com uma vida metódica e regular em extremo» adquirira robustez, pelo menos uma robustez toda exterior por ter sido prejudicada quando contraiu «as febres que depois o acompanharam sempre periodicamente o resto da vida» (31).

---

(30) Vd. 3 cartas inéditas de Oliveira Martins, por Cunha Pimentel. In-«O Primeiro de Janeiro» de 8 de Novembro de 1944.

(31) Depoimento da viúva. In-Ayalla, *ob. cit.* Pág. 33. No decurso da vida de Oliveira Martins, independentemente de pequenos achaques de

O seu biógrafo e amigo Diniz d' Ayalla diz que a vida em Espanha e a «companhia rude imprimiram-lhe um aspecto grosseiro, um semblante torvo e desvairado, como o atestam os seus primeiros retratos» (32). Mas outras convivências e contactos transformaram a pouco e pouco o homem rude, regressado do fundo da serra Morena, tornando-o

«pouco a pouco comunicativo e afável, o seu riso desdenhoso e altivo, alcança o que é de carinhoso e feminino, doce e alegre; o seu arcabouço rude e forte. o seu busto de mineiro, atinge a flexibilidade e a doçura dum aristocrata de raça».

Esse «olhar desvairado» acima referido «transformou-se sob o influxo das ideias até chegar à beleza serena e majestosa do seu último retrato» (33).

Um ataque de febre tifóide, durante os anos do Porto, teve o triste condão de o sujeitar «a frequentes dores de cabeça, e todo o seu sistema nervoso ficou muito alterado», no depoimento da viúva, que acrescenta: «quase que se pode dizer que houve uma mudança radical nos seus gostos e nos seus hábitos» (34).

Se a vida activa que levava em Espanha o ginasticara suficientemente, não era dado aos desportos, aliás nisto não se distinguindo do comum dos seus compatriotas, que ignoravam os exercícios físicos apenas praticados por alguns jovens da aristocracia e da alta burguesia, como a equitação. De resto a numerosa série de desportos hoje praticados pela juventude do nosso tempo, com o desporto-rei — o futebol — à cabeça, desconhecia-se entre nós, com excepção daqueles moços filhos de ricos comerciantes do Porto, que os pais mandavam educar em Inglaterra.

A única prática higiénica conhecida de Oliveira Martins era o banho frio, que tomava todas as manhãs, talvez hábito adquirido na convivência com o amigo H. Ellicott. Após o ataque de febre tifóide

---

ocasião, temos notícias das seguintes doenças graves: ataque de impaldismo em Almadén em 1870; doença inominada, por ele dito tê-lo «às portas da morte» (carta para Eça de Queirós, *Correspondência* cit. Pág. 263); febre tifóide em 1883; pleurisia em 1893; e esta, que o levou à tuberculose final, em 1894.

(32) *Ob. cit.* Pág. 28.

(33) *Ob. cit.* Pág. 44.

(34) *Ob. cit.* Pág. 33.

«já não podia suportar água fria, passando a usar banho tépido de imersão» (35).

O trato quase constante com os áridos temas administrativos e económicos não matou nele a sensibilidade estética. Apreciava a música,

«dando preferência, ou antes, gostando exclusivamente dos compositores alemães. Escutava com um recolhimento quase religioso, sensibilizando-o profundamente» (36).

Apesar de introvertido, gostava do convívio, não indiscriminado, mas de pessoas de nível intelectual elevado, o que justifica o seu ingresso nos *Vencidos da Vida* sobre quem exerceu forte influência, sendo, como já dissemos, o seu mentor espiritual. E durante as reuniões no seu «covil filosófico» das Águas Férreas, no Porto, e mais tarde nos Caetanos, em Lisboa, o seu maior prazer era conversar, prazer que parece totalmente desaparecido nestes nossos dias vertiginosos como arrebatados por ventos de insânia. No tantas vezes citado depoimento da sua viúva, o mais directo e íntimo conhecido,

«o seu prazer maior sobre todos, era a conversa, a discussão com um ou mais amigos selectos. As horas passavam-lhe despercebidas; podia falar assim noites inteiras sem que o sono lhe viesse» (37).

Diniz d'Ayalla, porém, declarou nunca ter notado «nele frases falcantes, semblante inspirado ou gestos d'entusiasmo» (38), apesar de ele ter «voz melodiosa e compassada, quase inalterável» (39).

---

(35) *Loc. cit.* Ramalho Ortigão, seu grande amigo e que, nos últimos anos habitava o 1.º andar do prédio dos Caetanos, em que ambos viviam, escreveu: «ao regressar depois de alguns anos da mina de Santa Eufémia, Oliveira Martins tinha o pescoço direito, o peito largo, a espinha dura, as mãos calejadas, a pele firme, abrindo como uma armadura bronzada pelo sol um arcabouço de atleta. Três grandes influências tinha determinado a formação da sua segunda natureza: — o brio espanhol, a higiene britânica e o trabalho ao ar livre».

«Do contacto inglês veio-lhe a religião do método e da água fria, a estima da força muscular, o amor do conforto e da elegância do *home*, o espírito caseiro, os hábitos de ordem, o sistema de estudo, a pontualidade do trabalho» (*Costumes e perfis*. Lisboa, 1944. Pág. 63).

(36) *Loc. cit.*

(37) *Loc. cit.*

(38) *Ob. cit.* Pág. 18.

(39) *Ob. cit.* Pág. 90.

O seu biógrafo e amigo Diniz d' Ayalla diz que a vida em Espanha e a «companhia rude imprimiram-lhe um aspecto grosseiro, um semelhante torvo e desvairado, como o atestam os seus primeiros retratos» (32). Mas outras convivências e contactos transformaram a pouco e pouco o homem rude, regressado do fundo da serra Morena, tornando-o

«pouco a pouco comunicativo e afável, o seu riso desdenhoso e altivo, alcança o que é de carinhoso e feminino, doce e alegre; o seu arcabouço rude e forte, o seu busto de mineiro, atinge a flexibilidade e a doçura dum aristocrata de raça».

Esse «olhar desvairado» acima referido «transformou-se sob o influxo das ideias até chegar à beleza serena e majestosa do seu último retrato» (33).

Um ataque de febre tifóide, durante os anos do Porto, teve o triste condão de o sujeitar «a frequentes dores de cabeça, e todo o seu sistema nervoso ficou muito alterado», no depoimento da viúva, que acrescenta: «quase que se pode dizer que houve uma mudança radical nos seus gostos e nos seus hábitos» (34).

Se a vida activa que levava em Espanha o ginasticara suficientemente, não era dado aos desportos, aliás nisto não se distinguindo do comum dos seus compatriotas, que ignoravam os exercícios físicos apenas praticados por alguns jovens da aristocracia e da alta burguesia, como a equitação. De resto a numerosa série de desportos hoje praticados pela juventude do nosso tempo, com o desporto-rei — o futebol — à cabeça, desconhecia-se entre nós, com excepção daqueles moços filhos de ricos comerciantes do Porto, que os pais mandavam educar em Inglaterra.

A única prática higiénica conhecida de Oliveira Martins era o banho frio, que tomava todas as manhãs, talvez hábito adquirido na convivência com o amigo H. Ellicott. Após o ataque de febre tifóide

---

ocasião, temos notícias das seguintes doenças graves: ataque de impaldismo em Almadén em 1870; doença inominada, por ele dito tê-lo «às portas da morte» (carta para Eça de Queirós, *Correspondência* cit. Pág. 263); febre tifóide em 1883; pleurisia em 1893; e esta, que o levou à tuberculose final, em 1894.

(32) *Ob. cit.* Pág. 28.

(33) *Ob. cit.* Pág. 44.

(34) *Ob. cit.* Pág. 33.

«já não podia suportar água fria, passando a usar banho tépido de imersão» (35).

O trato quase constante com os áridos temas administrativos e económicos não matou nele a sensibilidade estética. Apreciava a música,

«dando preferência, ou antes, gostando exclusivamente dos compositores alemães. Escutava com um recolhimento quase religioso, sensibilizando-o profundamente» (36).

Apesar de introvertido, gostava do convívio, não indiscriminado, mas de pessoas de nível intelectual elevado, o que justifica o seu ingresso nos *Vencidos da Vida* sobre quem exerceu forte influência, sendo, como já dissemos, o seu mentor espiritual. E durante as reuniões no seu «covil filosófico» das Águas Férreas, no Porto, e mais tarde nos Caetanos, em Lisboa, o seu maior prazer era conversar, prazer que parece totalmente desaparecido nestes nossos dias vertiginosos como arrebatados por ventos de insânia. No tantas vezes citado depoimento da sua viúva, o mais directo e íntimo conhecido,

«o seu prazer maior sobre todos, era a conversa, a discussão com um ou mais amigos selectos. As horas passavam-lhe despercebidas; podia falar assim noites inteiras sem que o sono lhe viesse» (37).

Diniz d'Ayalla, porém, declarou nunca ter notado «nele frases faiscantes, semblante inspirado ou gestos d'entusiasmo» (38), apesar de ele ter «voz melodiosa e compassada, quase inalterável» (39).

---

(35) *Loc. cit.* Ramalho Ortigão, seu grande amigo e que, nos últimos anos habitava o 1.º andar do prédio dos Caetanos, em que ambos viviam, escreveu: «ao regressar depois de alguns anos da mina de Santa Eufémia, Oliveira Martins tinha o pescoço direito, o peito largo, a espinha dura, as mãos calejadas, a pele firme, abrindo como uma armadura bronzada pelo sol um arcabouço de atleta. Três grandes influências tinha determinado a formação da sua segunda natureza: — o brio espanhol, a higiene britânica e o trabalho ao ar livre».

«Do contacto inglês veio-lhe a religião do método e da água fria, a estima da força muscular, o amor do conforto e da elegância do *home*, o espírito caseiro, os hábitos de ordem, o sistema de estudo, a pontualidade do trabalho» (*Costumes e perfis*. Lisboa, 1944. Pág. 63).

(36) *Loc. cit.*

(37) *Loc. cit.*

(38) *Ob. cit.* Pág. 18.

(39) *Ob. cit.* Pág. 90.

Como assinalámos já no I vol., ou por não estar disposto a perder tempo, ou por natural inclinação do seu espírito, Oliveira Martins não era dado a polémicas, tendo constituído excepção a violenta pugna jornalística com Emídio Navarro. Não o dotara a natureza com a subtil ironia, o maior dom do seu amigo Eça de Queirós, que demolia os antagonistas não a golpes pesados de montante ou de clava, mas antes de florete, que os deixava desconcertados. A ironia de Oliveira Martins raras vezes aflorava ao bico da pena e tinha sempre um ar triste que lhe tirava todo o efeito.

Não sendo orador nato, foi depois de se ter dado à Política que se viu obrigado a falar em público, desde a célebre sessão do teatro do Príncipe Real no Porto em 1885 por ocasião do lançamento da *Vida Nova*, até à sua última intervenção no Parlamento 8 anos depois. Mas quando orava era «fleumático e sereno, o punho apoiado sobre a banca (...) ou a mão entre o peito e a cabeça levemente inclinada» (40). Esta última atitude parece ter-lhe sido característica, pois muitos dos amigos a assinalam, em particular o autor citado que o descreve «andando pausadamente, com a cabeça femininamente emolurada, um tanto pendida ao lado» (41).

Em casa, escreve a viúva,

«gostava imenso de reunir (...) um pequeno número de amigos para jantarem juntos; gozava então o prazer da mesa. Mas habitualmente estando só, comia depressa e pouco, confessando que queria conservar o estômago leve para melhor trabalhar» (42).

Temperamento metódico e ordenado, tinha os seus livros e os seus papéis nos respectivos lugares, como recordam quantos escreveram a seu respeito. F. Diniz d' Ayalla escreveu:

«Toda a vida portuguesa, os mapas, as estatísticas, os relatórios, os balancetes, tudo catalogado em massas, em bocados recortados feitos em feixes, numerados, com os seus dizeres. Ali naquela gaveta os orçamentos, noutra várias citações, trechos, apontamentos; dum lado da estante os historiadores pátrios, mais além a secção ultramarina; aqui os literatos; ali, os folhetos... tudo em ordem, limpo do pó, simétrico e singelo, e a que ele olhava enamorado, desvanecido» (43).

---

(40) *Loc. cit.*

(41) *Ob. cit.* Pág. 31.

(42) *Ob. cit.* Pág. 33.

(43) *Ob. cit.* Pág. 21.

Por sua vez, disse a viúva:

«Também gostava muito de ter a sua casa bem disposta, ocupando-se ele mesmo até dos pequenos detalhes de instalação para que tudo correspondesse ao seu ideal de elegância e boa ordem. Gostava da pintura, louças antigas, belos móveis» (44).

Tal foi o homem que encheu com o seu nome a segunda metade do nosso século XIX quando outros espíritos brilhantes emprestavam ao nosso pobre ambiente o fulgor do seu nome, a que só se encontra símile nesse recuado século XVI por tantos considerado o período áureo da Cultura Portuguesa. Vivendo em época de profunda decadência moral, corolário da dissolução do Constitucionalismo tal como nós o entendíamos e era tão contrário à nossa idiosincrasia, encontrou-se Oliveira Martins algumas vezes em oposição com o seu tempo que o não compreendeu e até o caluniou, calúnia que ainda extravazou para o nosso século. Por isso, pôde um dia, em hora de desânimo, escrever estas melancólicas palavras:

«Triste condição dos homens, impelidos pelo génio próprio a dirigirem as sociedades, caducas! Mais simpática mas não menos triste condição, a dos visionários estóicos, rebelando-se em nome do carácter próprio contra os actos daqueles que têm vivo em si o espírito da sua época!» (45).

Racionalista, que no último momento se deixou abalar pela dúvida e pelo ambiente talvez adrede preparado para produzir esse abalo, todos os seus actos os pautou pela luz da razão, que lhe dava essa «consciência da responsabilidade» como escrevera um dia. Talvez na hora derradeira tivesse esquecido o que escrevera anos antes no tempo da sua plena força mental ao aludir «à abjecção de uma miséria contrita» alternativa dessa consciência da responsabilidade referida, e a pergunta que então fez, entre dubidativa e angustiante parece deixar entrever:

«E porque será que entre ambas, só raras vezes, em momentos fugitivos, o homem crê na primeira? (46) porque será que a vida humana, para os que mais de fundo a sentem, é uma série de infortúnios, os actos geralmente erros e o desespero de Caliban (...) a condição infeliz do máximo número?

---

(44) *Ob. cit.* Pág. 33.

(45) *A Circulação fiduciária*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1923. Pág. 104.

(46) A consciência da responsabilidade.

«Porque o homem tem na razão a faculdade com que vê o mundo incriado das coisas ideais, os laços que o escravizam à realidade positiva, à fatalidade das condições externas. Conduzido em mente até uma região inacessível de inteira liberdade e certeza absoluta, fica em carne amarrado ao mundo; foi este contraste da sua natureza dual que ele traduziu no dualismo simbólico das religiões, das filosofias» (47).

*A. Alvaro Dória*

---

(47) *Elementos de Anthropologia* cit. Pág. 148.